

O homem que andava de costas

*E outros
contos*



JORGE DE PALMA

O homem que andava de costas

Quando as pessoas viam aquele homem dando passos para trás, ou seja andando de costas, por vários quarteirões, julgavam que ele estava louco. Ele próprio chegou a pensar assim. Mas só começou a agir dessa forma depois que fatos o levaram a uma única conclusão. Teria que regredir.

Tudo começou naquela tarde de outubro quando, como fazia sempre, José de Oliveira saiu do trabalho, por volta de treze horas e foi para casa. Possuía carro, mas por morara a apenas alguns quarteirões, foi caminhando. Ao chegar em sua residência, notou que havia um carro estranho na garagem e que sua chave não servia no cadeado do portão, que, obviamente havia sido trocado. Pensou em entrar de alguma forma, mas não conseguiu. Sabia que não havia ninguém em casa porque a mulher e os dois filhos estavam trabalhando naquele horário. Muitas vezes o filho utilizava o carro para ir ao trabalho. Por isso seu carro não estava ali. Mas mesmo assim, imaginando que algum deles tivesse voltado e estava com visitas, resolveu bater palmas.

Um homem de aparência jovem saiu da casa e Oliveira ficou intrigado. Não o conhecia e por isso o cumprimentou:

-Boa tarde senhor, poderia chamar alguém da minha família?

- Não sei do que o senhor está falando. Moro aqui há mais de um ano e não conheço ninguém de sua família - retrucou o homem.

Oliveira ficou boquiaberto. A princípio não sabia o que dizer. Depois começou a rir e falou:

- Isso deve ser alguma "pegadinha"! Eu é que moro aqui e o senhor não está me deixando entrar em minha casa.

O outro replicou:

- O senhor deve estar enganado - E, em seguida, foi para o interior da residência.

Oliveira ainda quis falar alguma coisa, mas se conteve. De repente imaginou o pior. Se não era brincadeira, então havia estranhos na sua casa, num momento em que ele e sua família haviam saído. Poderiam ser ladrões que foram pegos de surpresa com a sua chegada e estavam tentando disfarçar a situação. Por isso, resolveu chamar a polícia. Pegou o celular e discou para o 190.

Um policial militar atendeu e ele explicou a situação. Deu o endereço e ficou aguardando. Depois de algum tempo, uma viatura apareceu no começo da rua. Ele deu sinal e os policiais se aproximaram.

Quando Oliveira falou pessoalmente sobre o que estava ocorrendo, os policiais resolveram tomar precauções. Sacaram suas armas, aproximaram-se da casa, bateram palmas e, quando a porta estava sendo aberta um deles gritou:

-É a polícia. Saiam com as mão para cima.

O mesmo homem que atendera Oliveira antes saiu com as mão levantadas, aproximou-se do portão e perguntou:

-O que está acontecendo?

-Nós é que perguntamos. O que o senhor está fazendo aí - falou um dos policiais.

- Eu moro aqui - respondeu o homem.

- O senhor pode provar? Mostre os seus documentos.

O "morador" da casa abaixou as mãos, avisou que ia colocar a mão no bolso e sacou sua carteira. Entregou seus documentos aos policiais que o identificaram como Ricardo Silva e em seguida se prontificou a abrir o portão para que os policiais entrassem.

Os policiais olharam para Oliveira e ele ficou sem saber o que dizer. Aquela era sua casa há mais de três anos. Saíra cedo para ir trabalhar. Deixou o serviço às treze horas, como sempre fazia, e agora alguém dizia que era morador em sua casa.

Silva fez questão que os policiais entrassem na casa, apresentou-lhes sua esposa, um filho de dois anos e até um contrato de aluguel, comentando a seguir:

-Este homem aí fora deve ser louco! É melhor vocês conversarem com ele.

Os policiais saíram da casa e se dirigiram até Oliveira, passando a interrogá-lo:

-O senhor está brincando conosco?

- Não senhor, esta é minha casa. Eu trabalho num restaurante aqui próximo e o pessoal de lá pode testemunhar que estou certo.

Um dos policiais achou que seriam melhor seguirem até o restaurante. Mas o outro demonstrou preocupação:

-E seu houve alguma coisa errada na casa a gente sai daqui?

Por isso eles decidiram chamar outra viatura. Uma ficou em frente à casa e outra seguiu com Oliveira até o

restaurante.

Na medida em que a viatura ia seguindo, Oliveira começou a notar algumas coisas que o intrigaram. O posto de gasolina, por exemplo, que até uma hora atrás estava em obras, agora parecia perfeito e funcionando normalmente. Em um terreno vazio pela manhã, havia sido construída uma casa. "Não é possível, devo estar sonhando", pensou ele.

Quando chegaram ao restaurante, um dos policiais disse para Oliveira ficar na viatura enquanto ele ia falar com o proprietário.

Wilson de Campos, o proprietário do restaurante não se surpreendeu quando viu uma viatura parar em frente ao prédio, porque, quase que diariamente, policiais vinham comprar marmiteira no seu estabelecimento. Ele até fazia um desconto especial para os PMs. Mas quando o policiais se dirigiu a ele, contou os fatos e citou um nome, ele ficou admirado:

- O José Oliveira? - exclamou!

-Eu não acredito - disse o comerciante. E em sua cabeça uma série de fatos, se repassaram. José Oliveira era seu funcionário há alguns anos. Abria o restaurante todas as manhãs e administrava tudo na sua ausência. Não faltava ao serviço e não cometia falhas. Tudo ia bem até aquele dia, há dois anos, quando saiu do serviço às treze horas e nunca mais voltou. Wilson não pode deixar de pensar na família daquele funcionário desaparecido. "Meu Deus, quanto eles sofreram, será que agora tudo vai voltar ao normal?"

Foi pensando nisso que o comerciante, antes de comentar qualquer coisa, pediu aos policiais para ver

José. Dirigiou-se até a viatura e ao ver o velho funcionário, o cumprimentou:

José ouviu aquela voz amiga e se sentiu calmo. Mas ao virar-se e ver o rosto do amigo e patrão, não pode se conter:

-Nossa, parece que você ficou mais velho de uma hora para outra.

E o Wilson, com aquela calma de comerciante, meio político, retrucou:

-Também pudera, faz dois anos que você não aparece...

Para os policiais, aquele cena criou um novo impasse. Por isso eles decidiram entrar no assunto e tentaram entender a história. Mas não houve entendimento. José dizia que deixara o serviço há pouco mais de uma hora e o comerciante alegava que o funcionário havia abandonado o emprego há dois anos.

Um dos policiais chamou Wilson de lado e perguntou se ele tinha o endereço da família de José.

-É lógico que tenho. Eles mudaram de casa, mas faz dois anos que estão procurando por ele.

Com o endereço em mãos, os policiais resolveram levar José até a casa de seus familiares. Foi um reencontro contraditório. Enquanto José se sentia ao mesmo tempo feliz e confuso, sua mulher e dois filhos diziam coisa que ele não conseguia entender.

-O que aconteceu? Onde você esteve, pai? - disse o filho Mário, o mais velho.

-Ora, eu estava trabalhando, sai de casa cedo e, quando voltei, tudo estava mudado.

Foi então que José percebeu que seus familiares também pareciam mais velhos. Haviam se mudado para

uma casa menor, com apenas três cômodos. Então perguntou:

-Por que vocês se mudaram tão de repente?

- Nós esperamos seis meses e como você não voltou, tivemos que mudar, por questão de economia. Tínhamos que pagar um aluguel menor.

-E como está sua mãe?

-Ela ficou desesperada, procurou muito pelo senhor e por fim adoeceu. Está de cama. Está doente.

José decidiu entrar na casa. Não era como a sua velha residência, na Rua Inglaterra, mas reconheceu o jogo de estofados. Também parecia mais velho, como tudo o que via. Mas se sentiu reconfortado. Ao menos nem tudo havia mudado completamente.

Quando entrou no quarto viu a esposa na cama. Sentiu vontade de chorar. E parecia estar dois anos mais velha, mas ficou emocionada ao vê-lo. Umas duas horas atrás ele e ela pouco se falavam. Haviam perdido aquele amor da juventude. Mas agora ela tinha um rosto sofrido e pareceu, apesar de muito judiada, feliz ao vê-lo.

-O que aconteceu? Onde você esteve? - perguntou ela.

-Eu fui trabalhar hoje de manhã e agora voltei para casa, como faço todos os dias - disse ele.

Ela ficou confusa com a resposta, mas não quis discutir.

-Está bem, enfim você voltou e parece que está bem - concordou ela.

Com o passar dos dias e cada vez entendendo menos o que tinha acontecido, José não se perdoava pelo que tinha acontecido a sua mulher e a seus filhos. Não podia acreditar que havia negado a eles dois anos de sua vida, que os obrigara a entrar num regime de contenção de

despesas, de se desfazer de bens, de mudar de casa, de ficar doentes. Podia valer pouco no dia a dia, mas sempre estivera presente. Sem pouco dizer, sempre os amara.

Por outro lado, José não conseguia se culpar. Não fizera nada de errado. Fora trabalhar e voltara para casa. O que teria acontecido? Quando os filhos ou algum conhecido insistia em lhe perguntar sobre o seu desaparecimento, ele apenas dizia: "Eu fiz uma caminhada". Mas, aos poucos ele foi pensando e definiu: "Eu caminhei no tempo".

Quando tudo ficou claro em sua mente, José chegou a uma conclusão. Se a caminhada para casa, o afastara do caminho e o levava para longe através do tempo e do espaço, só havia uma forma de reparar tudo. Seria tentar descobrir o ponto em que tudo aconteceu. Mas depois de fazer a caminhada por dezenas de vezes, sem notar nada e sem acontecer nada de anormal, ele decidiu fazer o caminho contrário. Como isso também não resolveu, pensou:

"Quem sabe se eu caminhasse de costas, voltando à origem de tudo?". E foi assim que ele passou a andar, sempre para trás.

A bala perdida

Jonas Oliveira, estudante, 23 anos, tinha uma vida tranquila. Conseguira um bom emprego e ganhava o suficiente para cursar a faculdade. Esperava se formar no final do ano e, mais adiante, quem sabe, concretizar o casamento com Lúcia, a quem namorava há alguns anos.

Por isso, naquela noite, ele tinha todos os motivos para estar feliz. Seguiu para a faculdade, onde encontraria Lúcia. Caminhava pela avenida, sorridente, sem preocupações, quando, parou abruptamente. Seu rosto ficou inexpressivo e ele tombou sobre a calçada. As pessoas que por ali passavam correram até ele para saber o que estava acontecendo. Foi então que viram o pequeno orifício na testa, onde havia um sangramento. Jonas estava morto.

A princípio, as pessoas ficaram boquiabertas, mas depois começaram os comentários e as especulações. O jovem só poderia ter sido vítima de uma bala perdida. Mas o impressionante é que ninguém ouvira tiroteio algum, embora isso fosse comum naquela região próxima da favela. Poderia até ser disparo de uma arma com silenciador.

A polícia técnica foi informada, fez perícia no local e encaminhou o corpo para necrotério, onde seriam feitos os exames necroscópicos. O médico que fez os exames encontrou um pequeno objeto na cabeça do estudante.

Estava muito amassado e não parecia com as balas tradicionais de revólveres e pistolas. Mas como tinha muitas outras autopícias a realizar, ele guardou o objeto em um saco plástico, como prova do crime a ser analisada posteriormente. Alguns dias depois, quando isso seria feito, foi descoberto que o objeto havia desaparecido. Havia um buraco no saco plástico, como se tivesse sido derretido. A morte de Jonas Oliveira jamais foi esclarecida.

Em outra região muito distante dali, uma família também recebeu uma triste notícia na linguagem local: "Lamentamos informar que seu filho, este notável cientista, morreu em uma de suas missões de reconhecimento no novo mundo. Pelas últimas imagens transmitidas de sua nave, o aparelho onde estavam mais cinco membros na tripulação, sofreu falha, ficou descontrolado e colidiu com a cabeça de um ser natural do planeta em estudo. Enviamos equipe para resgate dos corpos e destroços da nave, a qual deve voltar em breve"

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

